

Covid-19 no balaio de feiras da cidade

Rotina Aglomeração e gente sem máscara são comuns em mercados populares

Daniel Aloisio*

REPORTAGEM
daniel.aloisio@redebahia.com.br

Às 11h da manhã a Feira de São Joaquim está lotada. A feirante Neide Pereira, 48 anos, não se incomoda em ficar sem máscara. Ela grita anunciando as frutas e verduras que vende em sua barraca como se não houvesse pandemia. Se ela estiver infectada pela covid-19, os perdigotos, ou seja, gotículas contaminadas de saliva vão sair da sua boca e atingir até dois metros de distância. O cliente que passar pelo seu ponto de venda sem máscara e sem esse distanciamento vai ser contaminado pelo vírus.

Segundo os especialistas, quem não usa máscara tem um potencial de transmissão ou infecção da doença aumentado exponencialmente. “Num diálogo, para você ter quase 100% de proteção, é preciso que os dois usem a máscara e fiquem distanciados. Se um tira o equipamento, a chance de contaminação reduz pela metade. Se os dois não usam, estão totalmente vulneráveis à infecção”, alerta a coordenadora do curso de medicina da Faculdade UnesulBahia (Rede UniFTC), a epidemiologista Lucélia Magalhães.

Na barraca da dona Neide, ela até tenta manter o distanciamento entre outros profissionais, mas às vezes vários clientes se aproximam ao mesmo tempo, pegam na mercadoria, ficam pertos uns dos outros e uma inevitável aglomeração é formada. Por causa da quantidade de pessoas no local, alguns ainda precisam gritar para ser escutados, o que ajuda ainda mais na disseminação do vírus.

“Normalmente, ninguém reclama por eu estar assim. Eu também sempre uso, mas é que agora mandei pegar o álcool e estava tomando água. Por isso que tirei”, justificou a feirante. Mas, em todo o mo-

mento que a reportagem esteve no local, Neide permaneceu sem a máscara no rosto. “Me do a gente tem de pegar o vírus, mas eu considero que me cuido sim”, disse.

Os gritos não são a única maneira de espalhar os perdigotos. De acordo com Lucélia, isso acontece também quando as pessoas tosse, espirram e até falam. “Se a pessoa gritar e geralmente em feira eles fazem isso, se o lugar não tiver com muita ventilação e becos de feira não têm, e se a pessoa tiver com menos de 1,5 m de distância, são altas as chances de contaminação”, explica a médica.

“Use máscara. Essa é uma recomendação importante. A feira, mesmo sendo ao ar livre, tem momentos de muita proximidade. Às vezes as pessoas se afastam, mas logo depois estão juntas, passam por um local apertado. É nesse instante que a contaminação pode ocorrer”.

DESINFORMAÇÃO

Na entrada da Feira de São Joaquim, o carreteiro Moacir Araújo, 40 anos, nem se importava de usar a máscara no queixo. Ele falava de forma tranquila e sem distanciamento com dois amigos motoboys – que também não usavam corretamente o acessório – enquanto aguardavam aparecer um trabalho. A atitude do grupo contrastava com o que se lia na placa instalada pelo Sindicato dos Feirantes (SindFeira): “Use máscara. A covid-19 não é uma gripezinha”.

“Não tenho medo de me contaminar, pois sou de Jesus Cristo. E o propósito dele para minha vida é bem maior do que qualquer merdinha”, explicou Moacir, quando foi questionado sobre o uso incorreto do acessório de proteção. Se Moacir for contaminado e desenvolver a forma grave da doença, poderá precisar de uma UTI. Até ontem, 69% dos leitos do tipo estavam



1 Máscaras usadas de forma incorreta são comuns nas feiras da cidade
2 Feirantes também abaixam o acessório para gritar e atrair clientes
3 Especialistas alertam que mesmo em espaços abertos contaminação pode ocorrer

ocupados em Salvador.

“Nesse momento em que estamos da pandemia, não usar máscara é uma atitude que vai na contramão da ciência e que nos gera uma preocupação imensa para que não aconteça um colapso no sistema de saúde nas próximas semanas”, alerta o imunologista e professor da UniFTC, Celso Santana. Para o especialista, o que acontece na Feira de São Joaquim é um misto de desinformação com falta de fiscalização.

“A informação qualificada não está chegando para essas pessoas. Na minha opinião, elas não estão conscientes do risco que correm. Agora, também está faltando fiscalização. É preciso enviar brigadas voluntárias de pessoas distribuindo máscaras de graça e informando sobre a importância das suas atitudes”, defende.

Infectologista da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Adielma Nizarala explica que não há fiscalização que dê conta de tanto desrespeito. “É uma cadeia de eventos que acontece através do não uso da máscara. Além de não se proteger e não proteger o outro, essas pessoas ajudam a normalizar esse comportamento. Outras a imitam e aí o vírus se espalha, aumentam os casos, internações e óbitos”, lamenta.

TRADIÇÃO

Segundo o SindFeira, entre feirantes, carreteiros, ambulantes e outras ocupações, cerca de cinco mil pessoas

trabalham no local que tem, em média, 2,5 mil boxes e 1,2 mil bancas. O local é considerado um polo de abastecimento de Salvador, Região Metropolitana e Recôncavo Baiano. De lá, saem também materiais artesanais e religiosos. O povo de santo, por exemplo, é frequentador da Feira, onde são encontrados artigos fundamentais para obrigações.

A ialorixá Ana Vitória, 50 anos, vai toda a semana a Feira de São Joaquim e chega a gastar até R\$ 1 mil por mês no local. “O axé é grande, a demanda é grande e temos que dar conta”, explica. Ela, no entanto, não usava máscara enquanto fazia as compras. “Apesar de estarmos numa pandemia, não sinto medo nenhum, pois o pessoal aqui busca estar protegido. Eu acho que é um ambiente seguro”.

Mas a epidemiologista Lucélia Magalhães lembra que, mesmo que Ana Vitória só frequente barracas onde os feirantes usam máscara, ela pode ser contaminada. “O ideal é que todos usem máscara. O equipamento mais seguro é a chamada máscara N95, o que não costuma ser acessível pelo preço. Então, recomendamos duas máscaras de pano boas, com uma importante vedação”, explica.

No ano passado, ainda no início da pandemia, em maio de 2020, o CORREIO apurou que já haviam três mortes de trabalhadores no local ligadas à covid-19 e uma feirante estava na UTI. Não há, no entanto, uma contagem oficial da quantidade de casos e óbitos entre os trabalhadores da Feira. “As últimas notícias que a gente tem de óbitos sobre covid foi quando foi publicado essa matéria. Nessa segunda onda, não ouvimos falar”, garantiu o presidente do sindicato, Nilton Ávila.

O ambulante Jackson Pereira dos Santos, 64 anos, mesmo tendo tomado as duas doses da vacina, mantém todos os cuidados e é um bom exemplo no local. “Particularmente, tenho medo. Não quero ser infectado e nem passar para ninguém. Mas ainda existem pessoas que insistem em não usar a máscara. Pelo que escuto, são pessoas que seguem o que o presidente diz. Ele não usa a máscara, influencia os outros a não usar. Temos que confiar é na ciência”, dá o recado.

*COM ORIENTAÇÃO DE PERLA RIBEIRO



FOTOS DE NARA GENTIL



Espaço apertado é o maior problema nos locais

O CORREIO também circulou por outras feiras de Salvador. Em Itapuã, o movimento era tranquilo e a maioria das pessoas usava máscara. O mesmo foi observado na Feira das Sete Portas. No entanto, em ambos os locais, segundo os próprios comerciantes, por não haver um controle de acesso, era difícil manter o distanciamento.

“Você sabe como é feira, né, meu filho? As vezes a gente tá aqui e não chega ninguém. Mas é só um se aproximar que desperta o interesse no outro. As pessoas ainda precisam se educar. Uso minha máscara, tenho meu álcool em gel, já tomei a primeira dose da vacina. Mas não tenho medo de ser contaminado, pois precisamos trabalhar”, disse o feirante Antônio de Oliveira Lima, 51 anos, que trabalha na Sete Portas.

O imunologista Celso Santana, lembra que mesmo os que estão vacinados precisam usar a máscara. “É fundamental que se mantenha o uso do equipamento para conter o avanço da covid-19, pois mesmo as pessoas que foram vacinadas podem transmitir o vírus e podem se contaminar. As pessoas veem nos noticiários que em outros países já não usam máscara, mas lá a vacinação está acelerada. Aqui estamos numa situação dramática”, explica.

Já na Avenida Joana Angélica, Centro de Salvador, as cenas de aglomerações eram mais constantes, formadas também por causa da circulação de pessoas em direção à Avenida Sete ou Estação da Lapa. Por lá, o uso de máscara entre os feirantes era mais comum, mas ainda assim foi possível enxergar pessoas que não usavam o equipamento de proteção.

Uma feirante que não quis ser identificada disse que tinha tirado o equipamento para poder comer. No entanto, enquanto ela falava com o CORREIO, não consumia nenhum alimento. “Se vier algum consumidor, coloco a máscara”.

Com 19 anos e longe de ser vacinado, o feirante Alisson Silva sabe que não tem outra saída a não ser se proteger. “Não tenho medo dessa doença, mas acho que preciso fazer a minha parte para a pandemia acabar logo. Se todo mundo respeitasse as regras, acho que estaríamos numa situação melhor”.

Em todos os locais, o CORREIO abordou pessoas que não usavam máscaras que não quiseram se pronunciar sobre o assunto.

●● Num diálogo, para você ter quase 100% de proteção, é preciso que os dois usem a máscara e fiquem distanciados
Lucélia Magalhães

Epidemiologista

●● Nesse momento em que estamos da pandemia, não usar máscara é uma atitude que vai na contramão da ciência
Celso Santana

Imunologista

●● Não tenho medo de me contaminar, pois sou de Jesus Cristo. E o propósito dele para minha vida é bem maior do que qualquer merdinha
Moacir Araújo

Carreteiro na Feira de São Joaquim

Máscara N95 é considerada a melhor opção do mercado

As máscaras PFF2/N95 conseguem reter melhor as gotículas emitidas quando alguém fala, grita, tosse ou espirra. Por isso, elas são consideradas as melhores disponíveis no mercado atualmente. Mas isso não quer dizer que as outras – sejam as cirúrgicas ou as de tecido – não sejam eficientes para conter a contaminação pela covid-19.

Um estudo divulgado pela Universidade Duke, nos Estados Unidos, avaliou 14 tipos de máscaras faciais no ano passado e classificou a N95 como a melhor delas. Contudo, todas as que eram feitas de algodão também tiveram um bom desempenho quando foram analisadas. Em média, elas conseguiam eliminar de 70% a 90% das gotículas que saíam pela fala. A diferença, segundo a epidemiologista Naiá Ortelan, foi devido ao tom de voz e ao ajuste das máscaras no rosto do indivíduo.

“Máscaras de algodão e polipropileno se mostraram ainda mais eficazes. Não se recomenda utilizar máscaras feitas com tecidos de camiseta, malhas, crochês ou tecidos com tramas mais abertas, tampouco máscaras feitas com aquele plástico do face shield. Bandanas e lenços dobrados também não são eficazes”, alerta Naiá, que é colaboradora da Rede Covida, formada por pesquisadores da Ufba e da Fiocruz.

Aquelas máscaras de camada única feitas de materiais como lycra ou elastano, por exemplo, também devem ser evitadas. Em todos os casos, precisam estar bem ajustadas ao rosto. Não adianta apenas que o material seja bom, se a máscara está frouxa, com folgas nas laterais, ou se não cobre todo o nariz. Além disso, as de pano devem ser limpas com frequência. Depois de duas horas de uso, precisam ser trocadas e lavadas.

Elas podem ficar mais seguras desde que a vedação seja bem forte. Na internet, dá para comprar ‘fixadores’, materiais que deixam a máscara bem rente ao rosto. Alguns vídeos ensinam a fazer um em casa com borrachas, mas existem alguns métodos até mais fáceis. Entre as saídas recomendadas pelos cientistas, há desde usar esparadrapos até combinar duas máscaras – uma cirúrgica (que filtra bem) e uma de pano mais ajustada ao rosto.